

Um dos artigos de um número anterior (*Percurso* nº 17) veicula a noção de metapsicologia flutuante, “em que se transporta e relança o que fica em suspenso na análise pessoal, na clínica, nas experiências transferenciais.” Neste número, Heitor O’Dwyer de Macedo formula: “é tratamento dos restos, das falhas, das aproximações, que constitui o essencial e mais apaixonante do trabalho clínico e teórico de um psicanalista.”

Reunimos agora estas idéias: o trabalho com os restos produzidos pelo dispositivo psicanalítico é o que mantém em movimento o jogo da criação metapsicológica.

“A Psicanálise é amplidão”, diz Lygia Alcântara do Amaral. E não o é justamente na medida em que lida com o excedente gerado por sua própria prática? A Psicanálise não seria a busca que nos leva a transitar por diferentes teorizações, usando os restos de uma para dirigir-nos a outras, e então retornar? A teorização de Bion e a relação com psicanalistas próximos a ele são o tema das Entrevistas - nossa forma de participar da comemoração do centenário de seu nascimento, e de incorporar um de seus ensinamentos: a própria escrita analítica torna-se vazia, se se estruturar como defesa teórica contra o potencial ‘tóxico’ dos restos.

No escrito de Tales Ab’Saber, presenciamos o esforço de transformar “restos” de um debate e de seu percurso pessoal num intercâmbio ampliado entre Freud, Winnicott e Melanie Klein. Com Ana Maria Sigal vemos o que resulta em ganho de escuta do sofrimento quando a Psiquiatria e a Psicanálise podem, em face a face, reconhecer-se como produtoras de “restos”, e nesta condição colaborar uma com a outra.

São os restos que diferenciam a Psicanálise das “ilusões de salvação” e nos apontam para o amanhã, como sugere Maria Laurinda Ribeiro de Souza.. Em seu artigo, Mário pensa o desamparo como um inexorável, como o qual temos de nos haver. Não serão os “restos” uma modalidade específica do desamparo? Escreve Mário Eduardo Pereira: “diferentemente do eu, o sítio da linguagem introduz o resto não-sintetizável que obriga

o auto-engendramento constante de novas formas e de novas referências.”

Novas referências: Tânia Rivera as encontra ao tratar o fetichismo como “uma substituição simbólica que não realiza de maneira efetiva a travessia da perda da coisa”; Paulo Ceccarelli, ao buscar na antropologia a base na qual a construção da masculinidade pode ser pensada como espaço político e social; Elizabeth Borlido, recusando-se a tomar o tempo curto e o leito do hospital como “limitativos da plena manifestação do inconsciente”; José Atílio Bombana e Cristiane Seixas, com uma abordagem grupal para o atendimento de pacientes somatizadores.

E por último: não serão os “restos produtivos” aquilo que se opõe aos esquecimentos e recalques? Parece-nos que é este o trabalho que Laszlo D’Ávila faz - resgatar Groddeck, trazendo-o para a investigação atual dos fenômenos psicossomáticos.

Com isto, os trabalhos aqui reunidos reiteram algo que é da nossa experiência comum: para ser úteis, os “restos” precisam ser abordados e simbolizados, conduzindo a alguma reorganização do espaço psíquico. Já do lado do analista, é a capacidade de acolher o diferente que permite metabolizar aqueles “restos”. O diferente está em algum ponto entre o idêntico da repetição ortodoxa e o ruído, inassimilável porque demasiado estranho aos parâmetros que definem como psicanalíticos um dado processo terapêutico.

Dentro deste amplo espectro, os autores deste número de *Percurso* certamente têm muito a dizer!

Duas novidades neste número de *Percurso*: a lombada quadrada, para facilitar o manuseio da revista e a sua localização na estante dos nossos leitores; e os resumos em inglês, norma habitual das publicações especializadas. São novos passos no caminho de nossa revista, que, na próxima edição, estará comemorando seu décimo aniversário.